



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v25n02/2018p137-164>

## UMA REFLEXÃO SOBRE MEMÓRIAS E ELEMENTOS CULTURAIS DA COMUNIDADE TRADICIONAL EM ARRAIAL DO CABO: PESCA ARTESANAL E ISOLAMENTO SOCIAL E GEOGRÁFICO

\*\*\*

## A REFLECTION ON MEMORIES AND CULTURAL ELEMENTS OF THE TRADITIONAL COMMUNITY IN ARRAIAL DO CABO: CRAFTS AND SOCIAL AND GEOGRAPHICAL ISOLATION

Manuela Chagas Manhães<sup>1</sup>  
Júlio Ramos Esteves<sup>2</sup>

Recebimento do texto: 18/09/2018

Data de aceite: 30/00/2018

**RESUMO:** Nesse presente artigo, pretendemos discutir como a cultura assim como a história está permanentemente num processo, particularmente, no que se refere ao nosso objeto de estudo, as comunidades tradicionais pesqueiras de Arraial do Cabo. Em outras palavras, temos sempre a construção de um novo contexto cultural, que trazem em seu interior sistemas simbólicos e estruturas significantes para um modo de vida compactado pelos membros da comunidade. Logo, consideramos que nesse novo contexto sociocultural, ambiental e econômico, a cultura representa não só a caracterização da comunidade, mas a sua continuação, a sua sobrevivência ao tempo e uma maneira que favorece a superação às situações adversas. Nesse novo contexto que é comungado pelos membros de uma comunidade, há a reinvenção da memória coletiva assim como de sua identidade, mas que continuam sendo peças chave para a compreensão do modo de vida. Desse modo, num primeiro momento contextualizamos a formação da comunidade tradicional de Arraial do Cabo e a sua relação com a pesca artesanal. Sendo assim, objetivamos entender como determinados elementos culturais que permeiam a memória social em torno da pesca artesanal, tornam-se eixos norteadores para que haja entre os pares o reconhecimento social comunitário. Esse reconhecimento, por sua vez, pode ser considerado o ponto de partida para que haja o reconhecimento societário e assim o fortalecimento do sentimento de pertencimento da comunidade tradicional através da cultura como contexto.

**PALAVRAS-CHAVE:** sentimento de pertencimento; memória social e comunidade tradicional pesqueira.

**ABSTRACT:** In this article, we intend to discuss how culture as well as history is permanently in a process, particularly, with regard to our object of study, the fishing communities of Arraial do Cabo. In other words, we always have the construction of a new cultural context, which brings within it symbolic systems and significant structures for a way of life that is shared by the members of the community. Therefore, we consider that in this new socio-cultural, environmental and economic context, culture represents not only the characterization of the community, but its continuation, its survival over time and a way that favors overcoming adverse situations. In this new context that is shared by the members of a community, there is the reinvention of the collective memory as well as of its identity that are key parts of its way of life. Thus, in a first moment we contextualize the formation of the traditional community of Arraial do Cabo and its relation with the artisanal fishing. Thus, we aim to understand how certain cultural elements that permeate the social memory, become guiding axes so that there is between the pairs the community social recognition. This recognition, in turn, can be considered as the starting point for corporate recognition and thus strengthening the sense of belonging of the traditional community through culture as a context.

**KEYWORDS:** feeling of belonging; social memory and traditional fishing community.

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação de Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e é professora da Universidade Estácio de Sá cursos presenciais e online (NEAD) e militante e cientista social da ONG: Galpão da Cultura Negra Cabo Frio- RJ. E-mail: manuelacmanhaes@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com bolsa de doutorado-sandwich na Wilhelms-Universität Münster (Alemanha) (1998). Atualmente é professor associado IV da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. E-mail: jesteves48@yahoo.com.br



---

## Introdução

Segundo GEERTZ (2015:10) “compreender a cultura de um povo expõe sua normalidade sem reduzir suas particularidades”. Isso significa dizer que, para compreendermos seus sistemas simbólicos, traços culturais precisam estar referendados no que eles praticam, como praticam e porquê praticam. Desse modo, é perceptível a correspondência entre tais sistemas simbólicos que são refletidos e reflexos simultaneamente nas e das suas ações.

Deve atentar-se para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação. Elas encontram -na também, certamente, em várias espécies e artefatos e vários estados de consciência. Todavia, nestes casos o significado merge do papel que desempenham (*Wittgenstein* diria seu “uso”) no padrão da vida decorrente, não de quaisquer relações intrínsecas que mantenham umas com as outras (GEERTZ: 2015:12-13).

Nesse contexto, a perspectiva geertziana traz outra concepção sobre a cultura. Não apenas como padrões determinantes do comportamento, mas também como um conjunto de mecanismos de controle. Nesse conjunto encontram-se planos, receitas, regras, instruções, que, na verdade, irão governar a conduta humana dentro da comunidade que vive. Tal fato demonstra a dependência humana por tais mecanismos que são programas culturais que culminam no ordenamento objetivo do comportamento para estar no “mundo”.

Entretanto, ambas as idéias desenvolvidas por GEERTZ (2015:32-33) – a primeira que determina a cultura como um complexo de padrões concretos



de comportamento, que traz os ritos, as tradições, os costumes, hábitos, e, a segunda como o conjunto de mecanismos de controle –, sobrevivem e se recriam na memória social coletiva. Ambas são essenciais para o sujeito social ser formado e assim estar “apto” para viver a comunidade propriamente dita. Podemos dizer que, tais símbolos são dados ao indivíduo, na sua grande maioria, pela socialização e são a base da identidade de resistência. Ou seja, o sujeito social os encontra já na dinâmica social quando nasce e eles continuarão a circular após sua morte. Isso é um fato, embora saibamos que segundo a dinâmica social encontremos alterações, alguns acréscimos e redefinições. Como SAHLINS (1990:147) diz: “a transformação de uma cultura é um modo de sua reprodução”. Mas, a base será intermediada nas interações via narrativas. São tais narrativas que permitem a sobrevivência, manutenção e ressignificações da memória social, que é uma prerrogativa para as alterações e reinterpretções da própria cultura da comunidade tradicional pesqueira de arraial do Cabo.

### **A formação da comunidade cabista**

No roteiro etnográfico feito por PRADO (2002:28), há a constatação de que em 26 de maio de 1511, a nau *Bretoá* trouxe o feitor *João Lopes de Carvalho*, que a partiu do dia 28 de julho com 5mil toras, 40 escravos (na maioria mulheres), 22 tuins, 16 sagüis, 16 gatos, 15 papagaios e 3 macacos. Entretanto, encontra-se um vácuo histórico entre os séculos XVI e XVII. Tal vácuo tem sido preenchido com pirataria e genocídio





---

indígena, dos *Tamoios*, reconhecidos como os originais donos da terra dessa região. Há relatos segundo PRADO (2002:29) que tais índios tinham expectativas de derrotarem os invasores portugueses, denominados pelos índios como “perós”. Temos o início, então, de uma guerra extremamente violenta, que culminará com a morte de mais de 10 mil guerreiros *Tamoios* e escravização dos restantes pelo, então governador da província: *Antônio Salema*.

Porém, o fato é que as raízes da pesca remota ao século XVIII, período que é conhecido como a consolidação da conquista portuguesa desse novo espaço geográfico e no qual teremos a exploração dos arrendamentos do direto à pesca, que era denominada “pescaria”. Nesse aspecto, PRADO (2002) salienta que há documentação que data desde 1729 a legitimação dessa exploração marítima. Assim, longe de sua terra natal tais colonizadores irão aprender a viver nessa nova terra. O que teremos sucessivamente é um processo de aculturação, ou seja, esses europeus irão misturar seus conhecimentos aos novos saberes, aprendendo assim novas técnicas de pesca, cultivo, voltados para as questões ambientais específicas dessa região. Tal fato alimentado pelo isolamento geográfico será de suma importância para sua própria sobrevivência. Portanto, teremos aqui uma grande fusão cultural entre os colonizadores portugueses e os índios escravizados, que aqui já viviam, pertenciam ao “arraiá”. Sendo assim, teremos a constituição da população cabista (população de Arraial do Cabo).



---

O cabo de terra, que não tinha estradas ligá-lo ao continente, sofria por conta também de um isolamento político: o arraial não possuía escolas, policiamento, hospitais ou médicos, ligando-se ao resto do mundo unicamente pelo porto. Os natos temiam muitas vezes seus visitantes, estranhos homens desembarcados por dias, que tomavam inclusive feições e atitudes agressivas, como espancar os rapazes e estuprar as moças, daí uma certa recorrência de filhos sem pai no bairro portuário da Praia dos Anjos (PRADO: 2002: 30).

Por conseguinte, inicia-se um processo bem característico do cabista ser considerado um povo desconfiado de tudo e de todos. O fato que percebemos é que a formação dos nativos de Arraial do Cabo é, na verdade, uma formação dos filhos do isolamento social e geográfico (ambiental), tendo como referência determinadas culturas como indígenas, africanas e dos colonizadores, em sua maioria, portugueses. Nesse aspecto, PRADO (2002) denomina os nativos de “descendentes do isolamento”, devido não só à morfologia de Arraial do Cabo, mas também pelo seu caráter histórico e contextual de sua imigração inicial. PRADO (2002) ainda salienta o fato de até 1960 tal distrito (era o 4º. Distrito de Cabo Frio<sup>3</sup>, que só terá sua emancipação na década de 80 do século passado) não tinha estradas. O que se tinha, eram (e ainda tem) dunas de areia e o grande mar.

---

<sup>3</sup> Segundo BERANGER (2015:41) Arraial do Cabo foi o ponto de desembarque de Américo Vespúcio em 1503 e primeira feitoria do Brasil. Foi criado pela Lei Provincial no. 29 de 1824. Possui 7.262 almas. Foi ligado à sede por boa estrada de 12 quilômetros de extensão. Compreende a vila propriamente dita e os lugares da Figueira e Massambaba. Figueira é constituído de salinas e possui bela praia com bons loteamentos. Massambaba também é constituído de salinas. É o Cabo zona de pescaria organizada. Hoje aí funciona a Sociedade Pesca Tayo Ltda. Companhia japonesa para a pesca de baleia e fábrica para aproveitamento dos diferentes produtos oferecidos pela industrialização desses mamíferos. Aí se instalou também a Companhia Nacional de Alcalis.



---

## Muxuângos: filhos do isolamento social e geográfico

Sabe-se que a teoria evolucionista do século XIX teve fortes influências no Brasil no século XX. Diante desse fato, ela enfatizaria a formação de estigmas, entre elas a população dita como cabista (de Arraial do cabo), a qual é filha do isolamento social e geográfico. Assim sendo, temos definições sobre essa população, constituindo estereótipos, como o de *muxuango*. O *muxuango* representaria uma caricatura ficcional, mas que sua base traz referência às teorias científicas imbricadas nos preconceitos determinados pelo o que seria visto como civilizado a partir de um padrão cultural dominante. Dessa forma, os *muxuângos* seriam considerados como uma forma inferior de sociabilidade. Em outras palavras, tal população, pequena comunidade de pescador seria pintada como primitiva, incivilizada, inferior assim como o jeca tatu, o caipira, o matuto, o interiorano.

Em oposição ao cidadão, o bicho-do-mato brasileiro não chegou ainda à civilização: ele é rústico e primitivo, não evoluiu, degenerou, não progrediu, estagnou, não tem força de vontade, é apático, não se esforça, é indolente.

Julga-se que ele resiste à ação e, por assim dizer, ao movimento. Seu modo de vida parece ter caído em um infundável processo de repetição do mesmo. Afinal, se a pesca artesanal é uma força de trabalho, evidentemente para os detentores do poder político e do raciocínio intelectual, não se trata de um trabalho compensador por não estar vinculado aos mecanismos da economia industrial, valorizados pelos grandes nações do mundo. São estas as premissas disseminadas pelos discursos das políticas públicas queriam a necessária indução à mudança (PRADO: 2002:32-33).





Dessa forma, partindo desse pensamento positivista e evolucionista, na Era Vargas, teremos em Arraial do Cabo, em 1943, fundada a Companhia Nacional de Álcalis. Segundo AGUIAR (2005), os estudos para a implantação da referida indústria química começaram em 1943, mas as obras só seriam iniciadas em 1954. O lugar era visto como promissor devido à grande quantidade de conchas na Lagoa de Araruama que serviria de matéria-prima para a fabricação do produto (a barrilha). Outro fator para a implementação dessa indústria era a constatação de que existiam águas frias na Praia Grande que seriam utilizadas para o resfriamento de seu maquinário.

A chegada da industrialização com a implantação da Companhia Nacional da Álcalis, entre os fins de década de 1940 e na primeira metade da década de 1950, produziu um contexto modernizantes para os natos, com novos ritmos e modelos de trabalho e produção. Na segunda metade da década de 1950, e por toda a década de 1960, em um segundo movimento, os fluxos contínuos de imigrantes e turistas inserem padrões de comportamento e valores.

O arraial também é descoberto nestas décadas por cientistas sociais, interessados em acompanhar de perto o processo de industrialização, posto que na época este tema se apresentava como obrigatório para a antropologia, enquadrando-se na categoria de Mudança Social (...) (PRADO:2002:82).

A mudança social era uma necessidade para a política desenvolvimentista. Ainda que fosse reconhecida como maior produtora de pescado da região, a política desenvolvimentista rumo ao progresso era a justificativa para a mudança social. Desse modo, tal paradigma aliado à teoria evolucionista, fomentaria a hierarquização entre a produção de diferença e a formação de um processo evolutivo em escalas.



Ambas estariam presentes nas formulações teóricas, teocráticas e desenvolvimentista que justificaram Arraial como um lugar que deveria ter a implementação da indústria. Assim, além de buscar a elevação do Brasil diante do continente, objetivava-se civilizar os nativos de Arraial do Cabo, promovendo mudanças sociais vistas como necessárias que levasse ao desenvolvimento dessa população *muxuanga*. População, essa, que teve construção de seus costumes, hábitos e sua identidade cultural determinadas pelo isolamento social e geográfico. Tais nativos abandonados entre os morros, dunas e restingas, alimentaram-se de um orgulho do passado histórico de “conquistadores” de terras, formando, então, a memória social coletiva. Assim, constituíram-se seu pertencimento entre eles como pescadores, homens do mar, que adquiriram saberes e técnicas com os índios que aqui viviam e novas técnicas com aqueles que fixavam no Porto que vinham da Europa: Portugueses (colonizadores), holandeses, espanhóis, ingleses (pirataria). Logo, a partir da ideia de um “refinamento cultural e intelectual”, havia na sociedade uma nuance progressivista que traria o culto à civilidade baseada no padrão cultural vigente, alimentada pela corrente evolucionista, determinando aquela comunidade como primitiva.

De fato, a comunidade de pescadores de Arraial do Cabo foi alvo da aplicação de um modelo científico de mudança dirigida, com o objetivo de induzir às transformações sociais a partir de um aparato teórico de fundo desenvolvimentista e, porque não dizer, evolucionista (PRADO: 2002: 33).





BERANGER (2015), por sua vez, afirma que a implementação da CNA (Companhia Nacional de Álcalis) seria um reflexo do pensamento desenvolvimentista. Desse modo, o desenvolvimento, o progresso viria para aquela comunidade, além de questões de infraestrutura como abertura de estradas, água e luz, também se faz referência a novas oportunidades de emprego, embora a maioria da mão-de-obra tenha vindo de outras regiões. Um novo processo estaria por vir, e aqueles pescadores, quando buscavam outros empregos, fariam trabalhos menores em tal indústria. PRADO (2002) ainda relata que eles seriam estigmatizados como novos rótulos. Agora quem era pescador seria visto como desempregado, vagabundo, preguiçoso, sem certezas sobre a própria pesca seria definido como indivíduo sem objetivos e projeções futuras, lhe falta sentido e projetos de vida, o que significaria que não queria progredir. Assim, seus descendentes buscariam novas formas e meios de sustento e projeções sociais.

O ofício de pescador passa a ser desvalorizado dentro da comunidade, por filho e netos de pescadores, por conta da incerteza dos resultados da pesca, como também, pela inconstância da administração dos ganhos. O pescador se recusa a pensar no futuro, posto que seu produto tem renovação natural, dependente de uma ecologia de ciclos reprodutivos e migratórios que pertencem a Deus. O amanhã não faz parte da pescaria e, por assim dizer, de seu sistema econômico, não há por conta disso nenhuma orientação, no sentido sugerido por Paulo, ou seja, referido a uma projeção financeira (PRADO: 2002: 95-96).

Já como forma de lazer, as atividades festas religiosas de origem portuguesa tinham grandes espaços. Além disso, diante do isolamento





contavam com parteiras, rezadeiras, além de curandeiros e boticários que ficam no cais do Porto. A mistura entre os elementos culturais portugueses, dos “piratas”, indígenas e africanos encontram-se no dia a dia dos cabistas, agora nativos do “arraiaí”. Assim, suas histórias, lendas e narrativas eram impregnadas por um teor mágico, um grande realismo fantasioso e uma maneira de formação moral e manter os “bons costumes” para que houvesse a integração social. Nesse contexto, encontramos os elementos culturais funcionando sobre a comunidade como um conjunto de mecanismos de controle exposto na teoria geertziana.

Assim, com inúmeros simbolismos há um reflexo nas condutas sociais que remetem a forma de organização desta comunidade, a partir do que seria o seu juízo de valores morais, e não só os costumes, hábitos e rituais aculturalizados, porém são sobrepostos pela cultura portuguesa. Sabe-se que esses elementos imateriais foram essenciais para organização do próprio arraiaí, passados de geração em geração, contando histórias e lendas. Assim além da socialização feita nesse contexto cultural, teremos os mecanismos de controle repressivo como maneira de coerção social e formação moral, criando o medo como limitador das condutas das gerações mais novas. Entretanto, há relatos que afirmam que quando chega a luz boa parte dessas histórias e lendas desaparece junto ao medo de andar à noite pelas ruas, onde os sons dos ventos, das matas e dos bichos ganhavam corpo no imaginário social.

Pescar, fazer renda e poesia eram as principais atividades dos cabistas que também caçavam, principalmente nos finais de





semana. Como forma de lazer, faziam suas festas religiosas. Impera, em referência ao passado, uma série de combinações mágicas incluindo não só as imagens religiosas, como também os naufrágios. Se nos aproximamos mais dessa realidade fantástica, encontramos algo de pragmático para o devir da comunidade, pois se entregando aos contos de estórias e mágicas religiosas assombavam não apenas com prazer as crianças, mas depositavam sobre si mesmos a responsabilidade de garantir a moral e os bons costumes de sua integração social (PRADO: 2002: 37-38).

Constantemente encontramos presentes em tais histórias uma forma de narrativa memorística, como por exemplo, a contada por creusinha<sup>4</sup> “(...) minha reunião todo mundo na sala, e sob a luz de vele, ela falava se saíssemos seríamos levados e nunca mais voltaríamos para casa, pois havia um bicho nas ruas”. Logo, a memória dos fatos narrados, do “acontecido”, contando histórias seria uma maneira de ilustrar a tradição, ou melhor, o peso das tradições para organização do modo de vida cabista da mesma forma mecanismos de controle repressivo. Esses que, por sua vez, foram sendo consolidados a partir do isolamento social e geográfico. Tal fato permitiu que os indivíduos pertencentes a esta comunidade criassem fortes laços afetivos e de parentesco. Assim, tiveram em suas relações sociais o sentido de “companherismo”, edificando um conjunto de valores, costumes que foram vivenciados em seu cotidiano e fundamentais para sua organização social. Para PRADO (2002: 23-24) é bastante pontual a mudança dessa forma de convivência, quando é instalada a CNA<sup>5</sup>. Logo, existiria um antes e um depois da CNA.

---

<sup>4</sup> Creusinha é pescadora e presidente da cooperativa de Mulheres da salga do peixe e artesanato da Prainha.

<sup>5</sup> Companhia Nacional de Álcalis.



Até, então, a relação que se faz em ser cabista seria “ser cabista é ser pescador” e com um grau de parentesco que traduzia a subjetividade na convivência social como sentimento de pertencimento. Hoje em dia, diante de tais transformações como foram ditas, existe ainda entre aqueles que são pescadores mais antigos a verdade nessa afirmação.

Entretanto, outros cabistas natos ou que adoram Arraial do Cabo com sua cidade, e que são adoradores dessa cidade e nunca exerceram o ofício de pescador, não a consideram correta. Dizem que ser cabista era ser pescador, mas no tempo de seus avós. Consequentemente, há uma redefinição dos meios geradores do sentimento de pertencimento e assim do reconhecimento comunitário, através de elementos significantes trazidos pela migração e aqueles que foram passados de geração em geração e que se difundiram nessa comunidade e se aculturaram, dando um novo formato a sociedade cabista na atualidade.

### **Memória coletiva e elementos culturais na vida do pescador artesanal cabista**

Na constituição cultural em Arraial do Cabo encontramos fatos que são alimentados pela formação de uma consciência baseada no padrão cultural europeu português além do catolicismo. Por isso, que a vivência no meio sociocultural constitui papel constante na determinação do indivíduo para a vida coletiva comunitária e societária. Há uma apropriação cultural pelo sujeito do que é manifestado na interação e na memória coletiva presente na vida cotidiana, definindo o sentido, significações e representações da



cultura experimentada e que permite identificar o modo de vida da comunidade pesqueira tradicional em Arraial do Cabo e suas modificações.

Um exemplo trazido por PRADO (2002:85) é a produção de peixes salgados, a qual compunha um ciclo de relações fechadas e com caráter tradicional familiar. O homem pescava e limpava e a mulher salgava. Diante da escassez tudo era aproveitado. O pescador não tinha escolaridade, tinha poucas séries e a mulher não estudava desde a época colonial, mas a partir de 1960 aconteceram mudanças como foram ditas, e, passamos a ter, por exemplo, a mulher iniciando uma carreira como professora primária.

Tal pesquisa etnográfica torna se possível, porque a memória social coletiva está presente nas pequenas coisas e ações, nas formas de pensar e valores que são apreendidos na convivência social. São narrativas e histórias contadas lembradas que ganham sempre novos sentidos e interpretações, que envolvem os membros da comunidade na interação social.

Da mesma forma, a memória coletiva passa a ser considerada como forma de conhecimento e que forma uma verdadeira colcha de retalhos a ser reconstituída pela historicidade da própria comunidade. Logo, mantê-la viva é também uma maneira de dar continuidade a existência da comunidade e de seu modo de vida e, ainda torna-se elemento chave para que identifiquemos a historicidade da comunidade ainda que seja em novos contextos sociais e culturais, na relação dos atores sociais envolvidos.

O processo de construção ou de produção opera uma dimensão em que, partindo do real, do acontecido, a memória – como elemento permanente vivido –, atende a um processo de





---

mudança ou de conservação. A reação resultante do impacto da realidade sobre o indivíduo ou o grupo constituirá a marca que o caracteriza. Dessa maneira, a memória tem como característica fundante o processo reativo que a realidade provoca no sujeito. Ela se forma e opera a partir da reação, dos efeitos, do impacto sobre o grupo ou o indivíduo, formando todo um imaginário que se constitui em uma referência permanente no futuro (MONTENEGRO: 2013:19-20).

Essas, por sua vez, ainda hoje são peças de uma grande quebra cabeça entre passado e presente e existência (sobrevivência) no futuro. Segundo BEBER & LUCKMANN (1985:62) tal processo de socialização é possível, porque há um acervo social de conhecimentos, o qual inclui um conhecimento sobre a realidade social assim como dos limites que existem. Dessa forma, quando o indivíduo participa da vida cotidiana, ele está participando desse acervo de conhecimento, que permite a sua “localização” no grupo, na comunidade, além de permitir que ele exerça sua função social de maneira apropriada.

Vivo no mundo do senso comum da vida cotidiana equipado com corpos específicos de conhecimento. Mais ainda, sei que outros partilham, ao menos em parte, desse conhecimento, e eles sabem que eu sei disso. Minha interação com os outros na vida cotidiana é por conseguinte constantemente afetada por nossa participação comum no acervo social disponível de conhecimento (BEGER & LUCKMANN: 1985: 62).

Em nossas pesquisas, encontramos uma série de narrativas definidas como contos e lendas passadas de uma geração à outra; são histórias orais que persistem nessa comunidade tradicional e que algumas foram



---

organizadas num livro por Wilnes Pereira<sup>6</sup>. Encontramos nesse livro fragmentos e relatos que trazem resquícios de uma cultura, de um modo de vida peculiar envolvido pela pesca artesanal, Logo, consideramos, então, um modo de vida híbrido devido a formação inicial a partir do contato social de distintas culturas, que é fruto do isolamento social e cultural, e claro, geográfico. Entretanto, há um antes e depois da implementação da CNA:

Contava-se com o abandono da pesca artesanal no local, a partir da adoção das novas técnicas de produção industrial que estavam sendo inseridas. Foram utilizados nesse empreendimento vários métodos de pesquisa, desde os quantitativos da sociologia aos qualitativos da etnologia, com o objetivo de produzir, através dos etnólogos participantes, uma reformulação do próprio método analítico empregado: aplicando observações experimentadas em tribos primitivas em segmentos locais de culturas modernas (...) Castro Faria, que também participou dessa equipe de pesquisadores que trabalharam em Arraial, despe o rei de forma rápida e sucinta: havia “então os programas com financiamento do Departamento do Estado para dirigir e apressar a mudança, a chamada mudança dirigida” (PRADO:2002:83).

Em algumas narrativas encontramos a saudade do passado, de como era aquele modo de vida, ditos por alguns cabistas. No entanto, há relatos de membros dessa comunidade de que foi a partir da CNA que eles tornaram-se “civilizados”, pois, até então, vivam do extrativismo, visto por eles mesmos como primitivo por aproximarem da cultura indígena. Na verdade, quando se teve a implantação da CNA também foi difundida a visão

---

<sup>6</sup> PEREIRA, Wilnes Martins. *Arraial do Cabo seus contos e seus encantos*. RJ: Hoffmann Editora, 2013, p. 130-132.



da tecnocracia no cenário brasileiro, por isso, a chamada “mudança dirigida” feita pelo governo (baseada nos idéias positivistas e evolucionistas) seria fundamental. Essa, por sua vez, teria uma equipe de etnólogos e antropólogos para que pudessem trazer para aquela população a luz do que seria civilizado e, conseqüentemente, uma nova construção da sua consciência de si mesmo, na qual há reinvenção de seus elementos estruturantes significativos.

### **Uma pequena etnografia da pesca artesanal em Arraial do Cabo: cultura, memória e conflitos**

A pesquisa etnográfica feita por DAMACENO (2003) relata que em Arraial do Cabo cada praia tem suas canoas, e geralmente, eram em quantidades exatas. Por exemplo, ela diz que na Praia dos Anjos há muitos anos eram apenas doze canoas pescando. Seus espaços de pescaria eram acordados e definidos pelo período da pesca e do pescado. Nesse contexto, o INSITUTO ACQUÁ/PETROBRÁS (1992) contribui com a definição das pescas em Arraial do Cabo ao definir que existem nove modalidades de pesca. São elas: rede de cerco de traineira, arrastão de praia ou rede de praia, de cerco, rede de armar, linha de fundo, corrico, espinhel, mergulho, puçá e tarrafa. Geralmente, o maior número de pescadores se concentra-se na rede de arrasto na praia Grande e na linha de fundo.

Dessa forma, quando estamos falando da pesca de linha, quando não há um bote, é um tipo de pesca que usa caniços como instrumento, na beira da raia ou nos costados dos morros, com anzóis, linha de náilon. Além disso,







---

esse tipo de pesca exige também, o que os pescadores definem como carregador de madeira, onde os peixes pescados são pendurados e transportados. Já a pesca de cerco consiste no fato de literalmente cercar o cardume de peixes a beira mar. Com este objetivo, é fundamental usar as canoas, as quais são herança indígena. Essas canoas são feitas por um só tronco e medem entre 6-12 metros de comprimento, que traz um pescador experiente e talhador da madeira para construí-las. As redes têm 180 braços e por fim, é realizado geralmente por 9 pescadores, que são denominados como companheiros, tendo posições entre si diferentes: mestre, vigia, proeiro, contraproa, contra-ré, ré, cabeiro, corticeiro e chumbeiro. DAMACENO (2003:195), por sua vez, afirma que “antigamente, as canoas saíam uma vez por semana: a pesca era realizada no Marmutá, na Ilha, nas Prainhas e Praia do Forno, mas com a escassez do pescado, isso mudou”.

Outro fator salientado por DAMACENO (2003) é que é costume em Arraial do Cabo que as canoas pesquem apenas em seus lugares de origem. Mas, quando se trata dos pescadores, esses, por sua vez, podem pescar em qualquer praia de Arraial e poderiam exercer outras funções para seus companheiros de pesca, como vigia para outras canoas e em qualquer praia, de acordo com a necessidade. Isso significa dizer que, só as canoas não podiam sair de seu lugar de origem. Podemos considerar que isso é uma espécie de acordo secular, mas nem sempre harmonioso. Isso se deve, ao fato, de quando houve uma grande quantidade de peixes na praia dos Anjos, essa foi invadida por diversas canoas. Tal fato gerou um documento que foi criado junto à colônia de pescadores, estipulando a quantidade de canoas que poderiam pescar na Praia dos Anjos. Essas canoas, por sua vez, são





---

nomeadas, por exemplo de: Ventusora, Pituca, Princesa, Boa fé entre outras. Mas é importante salientarmos que há famílias que dominam a pesca, são donas de várias canoas e criam artifícios para que outros pescadores trabalhem para elas, não permitindo a sua autonomia<sup>7</sup>.

Quando falamos da pesca da Prainha, sabe se que à princípio haviam nove canoas em atividade, que também eram utilizadas para a pesca do cerco (iremos definir ainda os tipos de pescas). Segundo os relatos contados por DAMACENO (2003: 195), por dia saíam três canoas, que revezam os lugares da pesca. Geralmente, essas pescavam no Canto, no Porto, que é considerado a parte central da praia, e no Canto Grande, local próximo ao moro, onde passava a canalização da Álcalis. Em suas determinações, existe um fato peculiar, após três dias de pesca consecutivos, eles não saíam mais, ficavam, dessa forma, aguardando a pescaria das outras seis canoas e só depois retornariam. Era, então, feito, um rodízio entre eles.

Na praia conhecida como Praia do Pontal, por sua vez, era composta por quatro canoas de pesca e diferentemente apenas uma sai por dia. Em cada Canoa se teria dez tripulantes. Já na Praia Grande se teria cinquenta e seis canoas, mas segundo DAMACENO (2003) quarenta e duas estão em atividade, ou seja, pescando a intervalos de vinte e um dias consecutivos. O interessante é cada canoa sabe quais são os seus dias estipulados da mesma forma que sabe das demais canoas. Entre as canoas na Praia Grande, as consideradas mais antigas, levam os nomes: Nazira e bacurau.

---

<sup>7</sup> Relato obtido por um dos pescadores atuais que demonstrara sua insatisfação e enfatizara a necessidade de mudança para que todos possam exercer seu ofício sem ser explorados, obtendo dignidade pela pesca. Já que ganham 1,00 real por pescado e se são reféns de pagamentos.



---

Já, sobre os tipos de pesca DAMACENO (2003) traz algumas diferenciações interessantes. Entre os tipos de pesca temos: de redinha, a qual é pesca da lula, geralmente iniciada no início do mês de novembro e se estende até o início de abril. Para esse tipo de pesca é usado um tipo de canoa menor e tem seis tripulantes. Outra característica é que essa é noturna e conta com outro método denominado “jangarejo” (esse foi trazido pelos japoneses). No “jangarejo” captura se apenas uma lula por vês, com a redinha, utilizando centenas.

Outro tipo de pesca é denominado de gancho. Esse funciona jogando a rede ao mar e deixando a mesma por uma hora e meia. Quando há peixe suficiente dentro da rede, todos puxam a rede. Já a pesca do cerco, característica de Arraial do Cabo, é realizada cercando cardume (manta) e todos auxiliam na hora de puxar o cerco. Essa é considerada a mais antiga e tradicional de Arraial do Cabo e é muito comum na Praia Grande, embora seja executada nas diversas praias, e se torna um evento para a comunidade. Outro ponto fundamental sobre a pesca de cerco é o papel do vigia. O vigia fica num ponto alto do morro da Praia Grande se comunicando com os demais pescadores na praia por linguagem de sinais e determinadas palavras, indicando quantidade, tipo de peixe e localização.

A rede também traz definições. Dessa forma ela é dividida em três partes denominadas: a manga do canto, a manga da praia e a parte central chamada de copi. Ainda encontramos uma hierarquização nas tarefas exercidas na pesca. O considerado posto superior na pesca é o vigia. Como explicamos, esse fica mais ou menos há dois quilômetros de distância no alto, visualizando o cardume e dando orientações para os demais pescadores





desde a quantidade e tipo de pescado. O interessante é que a prática e, por conseguinte, a formação do saber adquirido, pela mancha e formação do próprio cardume o vigia sabe a quantidade e a espécie do peixe.

Segundo DAMACENO (2003:199) tais informações chegam aos pescadores por gestos, por exemplo:

- Anchova: faz-se o gesto como se estivesse puxando um curriço;
- Xaréu: divide a palma da mão no meio, que significa partir a cabeça do peixe com machadinha pequena;
- Tainha: faz-se o gesto de mergulho;
- Xerelete: dois dedos paralelos;
- Serra: gesto de serrar;
- Garoupa, olhete e pitangola: gesto de puxar a rede do fundo ou de um pedalar de bicicletas;
- Albarana: levanta-se a mão, que é girada de um lado para o outro, como se estivesse desatarraxando uma lâmpada;
- Bonito e flaminguete: as duas mãos erguidas paralelamente, afastadas cerca de uns quarenta centímetros uma da outra;

Todos esses tipos de pesca são considerados tradicionais e remontam a formação pela história oral, passada de geração à geração. A pesca é um dos grandes eixos norteadores do modo de vida cabista. Além disso, a pesca é muito importante para a economia em Arraial do Cabo e por existir uma



falta de proteção às técnicas tradicionais utilizadas no local, tem sofrido principalmente no que se refere ao retorno financeiro, ainda mais quando considera-se ao fenômeno de ressurgência que beneficiaria a região.

Esse fenômeno segundo PRADO (2002:101) é formado por correntes de águas frias e profundas que aflora na superfície da costa. Tal fenômeno acontece mais intensamente em Arraial do Cabo. Isso favorece que seu mar seja enriquecido de nutrientes, que ao serem trazidos para a superfície forma o primeiro elo na cadeia alimentar. Esses nutrientes, então, formados por algas denominadas *fitoplanctons*, são alimentadas por sais e com as condições biológicas favoráveis realizam a fotossíntese, crescendo, se desenvolvendo.

Tal fato contribui para a alimentação dos pequenos peixes, os quais serão alimentos dos maiores, gerando a riqueza incomparável de pescados em Arraial do Cabo e que é tão cobiçada pelas companhias de pescas industriais. Essa, por sua vez, é considerada um dos grandes perigos para a pesca artesanal, pois é predatória, feita pelo arrastão. Esse arrastão extrai toneladas, e estaria removendo o fundo do mar destruindo essa cadeia alimentar e inúmeros filhotes de peixes que ainda não estão no tamanho apropriado. Em outras palavras, essa pesca comprometeria o próprio ecossistema além de causar outros impactos ambientais e também econômicos para a comunidade pesqueira artesanal cabista.

Mas o fato, é que PRADO (2002: 103-104) em sua pesquisa deixa claro que a região de Arraial do Cabo foi o único município fluminense a ter regras legais sobre a pesca. Dessa forma, a constituição da Reserva torna-se um marco em Arraial de Cabo, e, possibilitaria aos pescadores artesanais



um modo de preservar sua cultura. Nesse contexto, RUBEN (1992) apud PRADO (2002:104):

Ser pescador no Cabo, por si só, aparece genericamente como uma identidade partilhada, remetida à necessidade de laços de solidariedade, saberes comuns e organização espacial, capazes de se unificar em torno de lutas e conquistas por plenos direitos para a prática ou preservação de seus patrimônios históricos culturais.

Novos desafios e novas complicações surgem. Como dissemos existe um antes e depois da implementação da CNA. Antes afirmava se que “ser cabista é ser pescador e vive-versa”. Agora com o processo migratório com o advento da “política desenvolvimentista” e, claro, a CNA um novo contexto cultural, social e econômico é edificado. Ser cabista não mais determinando apenas pela pesca artesanal, nem por quem nasce e é criado em Arraial do Cabo. Surgem novos personagens da mesma forma que novos elementos culturais, os quais serão incorporados por essa comunidade. No entanto, no que concerne a RESEX, conforme PRADO (2002:106) relata, houve uma avaliação da identidade como categoria de interação com a pesca artesanal, dessa forma, em uma assembleia datada 15 de julho de 1997 foi definido que:

Pescador artesanal de Arraial do Cabo é o cidadão que efetivamente vive da pesca artesanal (seja de linha, rede de lanço, traineira ou mergulho). Ele ainda deve cumprir duas exigências: morar na cidade (no mínimo a dez anos) e votar na cidade (no mínimo há cinco anos). O cumprimento destas exigências garante, segundo consenso unânime dos pescadores presentes, o direito de fazer uso da Reserva Extrativista, de votar e ser votado em suas assembléias.



Diante desse fato, PRADO (2002) diz que com as alterações na própria dinâmica social com o processo migratório, fica evidente que, de uma certa maneira, tais migrantes seriam e foram absorvidos pelos natos cabistas. Para isso, seria convencionado um período mínimo de convivência social e, de certo modo, o que seria para a comunidade e os membros da RESEX o comprometimento. Logo, com a interação social, e uma espécie de “re-socialização” esses migrantes absorveriam no cotidiano tanto os elementos simbólicos que estruturam o modo de vida dessa comunidade como os aspectos materiais: ferramentas, utensílios, vestimentas etc. Logo, seriam definidos os apelidos (forma peculiar cabista de chamar o outro). Entretanto, ainda haveria mil formas de resistência ao “forasteiro”, como, por exemplo, a formação dos estigmas sobre os migrantes, tendo uma concepção negativa, sendo, muitas vezes associados a bandidos que se escondem nos barcos, que estariam ali fugindo das penas, da lei. Nesse contexto, PRADO (2002:106) ainda destaca aqueles que realizavam a pesca em embarcações a motor, que ficavam na Praia dos Anjos seriam os ditos fugitivos da Lei.

Porém, o mais importante é compreendermos que por mais que houvesse resistência, por fim, o saber da profissão, o domínio da profissão propriamente dita seria elemento definidor entre os que seriam considerados pescadores e não pescadores. Desse modo, a RESEX faria um papel importantíssimo, ainda que intermediada por conflitos e nem sempre consensos, para a recuperação da autoestima do pescador, assim como o respeito e autorespeito, e, de certo modo, das suas tradições, do sentimento de pertencimento e elementos significantes do contexto cultural, não como



---

uma resgate do passado, mas sob um novo enfoque pertinente a própria dinâmica social. Dessa forma, PRADO (2002:107) afirma que seu interesse sobre a RESEX vem de encontra ao contexto de justiça social e ambiental:

Minha preocupação foi registrar, para os nativos, seus costumes, submetidos às injunções de mudança que sofreram depois da implantação da CNA, posto que este objetivo apareceu como uma preocupação deles. Para mim parece óbvio que tal interesse esteja relacionado com a RESEX. Registrar a tradição do ofício de pescador, e do próprio povo cabista, legitima as atuais aspirações de viver da pesca e ser reconhecido como administrador extrativista secular de *fato* e de *direito* (...) dentro das RESEX marinhas, através de experiência dos profissionais do IBAMA, é possível conceber o tradicional não como um retorno ao passado. Novo enfoque deve ser dado.

Por conseguinte, uma nova questão toma formato na atualidade, a questão ambiental e a sustentabilidade. Ou seja, ao falarmos dos impactos ambientais, estamos trazendo a tona o medo de muitas comunidades tradicionais serem extintas, entre elas, as de pescas artesanais marítimas. Dessa forma, há uma discussão em torno da sustentabilidade, inclusive pela RESEX e a AREMAC (Associação dos Pescadores Tradicionais da Reserva Marinha de Arraial do Cabo) que incorpora as dimensões sociais, econômicas e ambientais.

Dessa forma, LEROY (1997: 254-255) contribui em nossa argumentação quando afirma que falar de comunidade e falar da territorialidade, no qual a convivência mútua entre seus membros permite a ação conjunta e recíproca num habitat específico. Isso é de extrema relevância, pois permite que o sujeito social tenha ações que serão visíveis para o grupo e produzirá efeitos. Para LEROY (1997: 259) cada experiência vivida e compartilhada está dentro de um ecossistema, que circunscreve a







---

comunidade. Assim, suas ações apoiadas pela tradição cultural e, que embora seja confrontada com problemas que colocam em xeque mate seu modo de vida, que quando sanados e/ou administrados, adquirem tanto existência política quanto identidade coletiva, configurando, então, a própria comunidade por existir o reconhecimento entre os pares, dentro de uma microrregião. Nesse contexto, LEROY (1007:264) afirma que:

Se o lugar de realização dessas “experiências” é a microrregião tal como é definida aqui, essa regionalidade não é fechada sobre si mesma, como se fosse possível imaginar um desenvolvimento absolutamente endógeno. Para baixo, como já foi apontado na primeira parte do texto, há a articulação com as comunidades locais, com as “microexperiências” que forma o substrato, o humo, que alimenta, dá vida e força à ação regional. É aí que se constroem as identidades políticas, que se inova, que se acumula poder de representação, que se experimenta o diálogo e a negociação. Para fora, a microrregião se articula a uma região maior, que pode ser ou não o Estado na qual está inserida, com o país e com outras regiões do mundo.

Isso é visto por nós como uma peça chave diante dos enfrentamentos encontrados devido à pesca predatória, turismo exagerado, os impactos ambientais e organização e sobrevivência da comunidade tradicional pesqueira cabista. O que fica claro é que o desenvolvimento da comunidade a partir do trabalho, ou seja, a pesca artesanal orienta as experiências vivenciadas, e não se reduz à esfera da economia. Nas palavras de JEROY (1997:261): “trata-se da possibilidade de uma sociedade viver e se reproduzir”. Não há fórmula mágica. O que tem ficado evidente em nossa pesquisa é que há fatos, valores, tradições passadas de geração e geração e assim a ressignificação da memória social. Há um enorme acervo de saberes



construídos no cotidiano com a aculturação entre as distintas etnias e com o habitat natural, formando uma memória social surpreendente. Desse modo, salientamos que todos esses elementos socioculturais quando estão no dia a dia, ou são reincorporados, redefinidos nas ações e tarefas sociais permite a identificação entre os membros e assim a sua autoidentificação.

### **Conclusão**

Em nosso artigo, fica evidente, a partir da pesquisa que ainda está sendo efetuada, que há presença de fatores que podem ser elementos integradores entre os membros da comunidade pesqueira tradicional de Arraial do Cabo. Isso significa dizer que, através de um inventário cultural dessa comunidade, e que seja posteriormente compartilhado, mediado com os atores sociais dessa comunidade, poderia se trazer para a comunidade tradicional pesqueira cabista o reconhecimento social. Assim sendo, com a existência do reconhecimento social na dimensão comunitária os laços entre os membros são fortalecidos. Tal fato, pode favorecer a superação dos enfrentamentos e conflitos sociais cotidianos que dificultam a sua sobrevivência, favorecendo, a reorganização em prol de seus objetivos.

Assim, seria a cultura como contexto organizado pela pesca artesanal um dos pilares para que o fortalecimento do sentimento de pertencimento, do respeito e do autorespeito e conseqüentemente do reconhecimento entre os pares. Em outras palavras, com a existência do respeito, autorrespeito e autoestima, ou seja, com a existência dos bens primários identificados e conceituados por RAWLS (1997), primeiramente na comunidade entre os



---

atores sociais há a reconstituição do reconhecimento comunitário honnethiano (2009).

Portanto, é perceptível a importância dos elementos culturais estruturais e significantes, que são formadores da memória coletiva das comunidades tradicionais, particularmente, a comunidade tradicional pesqueira de Arraial do Cabo. Por conseguinte, nessa junção de elementos que sobrevivem ao tempo, que estão presentes em suas narrativas podemos encontrar a base para a articulação coletiva no contexto de justiça social e assim, a presença da identidade cultural de resistência e de projetos.

### Referências

- BRAGA, Elizabeth dos Santos. *A constituição da memória: uma perspectiva histórico cultural*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 200.
- BERANGER, Abel. *Dados históricos de Cabo Frio*. Cabo frio 500 anos de História. Banco do Brasil: 2015; 3ª. Ed.
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DAMACENO, Meri. *Cabistezas “causos” do Arraial*. RJ: Talagarça, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ª. Edição; RJ: LTC, 2015.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 2003.





REVISTA ECOS

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ UNEMAT

Programa de Pós-graduação em Linguística/ UNEMAT

Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem

---

HOBBSAWM, Eric et all. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

INSTITUTO ACQUA/PETROBRÁS, PROLAGOS. *A pesca oceânica no municio de Arraial do Cabo – Elementos socioeconômicos*. Arraial do Cabo:1992.

LEROY, Jean Pierre. *Da comunidade local às dinâmicas microrregionais na busca do desenvolvimento sustentável*. In: *A geografia política do desenvolvimento sustentável*. Org: Bertha K. Bercker e Mariana Miranda. Rio de Janeiro: Editora UEJ, 1997, págs: 251-272.

MONDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do mar*. SP: Editora Ática, 1986. Série Princípios.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Editora Contexto, 1992, Coleção Caminhos da História.

PRADO, Simone Moutinho. *Da anchova ao salário mínimo: uma etnografia sobre injunções de mudanças sociais em Arraial do Cabo*. Niterói: EdUFF, 2002.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de histórias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

Este texto é de responsabilidade de seu (s) autor (es).

